

COMPOSTOS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Cristina FIGUEIREDO SILVA

Universidade Federal do Paraná (UFPR)/CNPq¹

RESUMO

*Este trabalho investiga semelhanças e diferenças entre o que se conhece tradicionalmente como compostos e aquilo que se conhece como expressões idiomáticas. Compostos como saca-rolha(s) supostamente partilham com expressões idiomáticas como virar a casaca o mesmo tipo de estrutura V(erbo)-O(bjeto); no entanto, compostos e expressões idiomáticas também apresentam diferenças claras, por exemplo com respeito à possibilidade de flexão interna (engoliu sapo, mas não *guardou-roupa) ou com respeito à presença de um determinante no suposto objeto verbal, possível na expressão idiomática (como em chutar o balde) mas não nos compostos (como mostra a impossibilidade de *abre-a(s)-lata(s)). Essas propriedades serão examinadas à luz da Morfologia Distribuída, avaliando a proposta de Harley (2008) de tratar os compostos como estruturas de incorporação, diferentemente das expressões idiomáticas, que seriam apenas sujeitas a algum processo de reanálise.*

PALAVRAS-CHAVE

Compostos. Expressões idiomáticas. Morfologia distribuída. Português brasileiro;

Introdução

Os objetivos deste trabalho são:

(a) investigar as semelhanças entre (um tipo d) o que se conhece tradicionalmente como compostos e (um tipo d) aquilo que se conhece sob o nome de expressões idiomáticas. Compostos como *saca-rolha* em português brasileiro (doravante PB) supostamente partilham com

¹ Bolsista PQ II, processo número 309257/2009-3.

expressões idiomáticas como *virar a casaca* o mesmo tipo de estrutura interna, que contém um verbo e seu objeto.

(b) investigar as diferenças entre esses tipos de compostos e expressões idiomáticas – por exemplo, apenas expressões idiomáticas têm a possibilidade de realizar flexão interna (*virou a casaca*, mas não **sacou-rolha*) ou de exibir um determinante no suposto objeto verbal (e por isso *virar a casaca* é possível mas **saca-a-rolha* não).

(c) apresentar uma análise dentro do quadro da Morfologia Distribuída para esses e outros fatos correlacionados.

1. Compostos e expressões idiomáticas: fronteiras

Como se diferencia um composto de uma expressão idiomática? Para a tradição gramatical (na versão estruturalista de Camara Jr., 1978 ou normativista de Cunha e Cintra, 1985), um composto é uma palavra única (isto é, com um significado único) que comporta dois ou mais radicais (ou, mais modernamente, dois ou mais morfemas lexicais), como mostra (1a); por outro lado, uma expressão idiomática é um conjunto de palavras que transmite um único significado, no mais das vezes desligado do significado de suas partes constitutivas, como vemos em (1b):

- (1)
 - a. *saca-rolha(s)* (instrumento utilizado para retirar rolhas de garrafas)
 - b. *enxugar gelo* (fazer uma atividade penosa e infrutífera)

Esta abordagem nos faria crer que a diferença é semântica: os compostos têm seu significado determinado composicionalmente, mas as expressões idiomáticas não. Certos estudiosos trabalham nessa hipótese. Por exemplo, Sandmann (1990), discutindo a diferença entre compostos e sintagmas nominais no português, se pergunta o que distinguiria *ferro velho* (um pedaço de ferro que está velho) de *ferro-velho*

(um lugar onde se encontram carros batidos e sucata metálica de forma geral). Para esse autor, o critério fundamental para estabelecer a diferença é o “isolamento semântico”, que é a falta de composicionalidade no cálculo do significado que se vê em *copo-de-leite* (o nome de uma flor), e que também se vê nos compostos V+N, como *puxa-saco* (um bajulador).

No entanto, em *guarda-roupa* já temos um contra-exemplo, pois o sentido é relativamente composicional (talvez a parte menos composicional da interpretação seja o fato de este ser um lugar onde se guarda roupas); pior: as expressões idiomáticas também tanto podem ter o significado calculado de forma relativamente composicional (como em *tirar vantagem*), quanto ter o significado “isolado semanticamente” (como em *chutar o pau da barraca*).

Embora a semântica não possa responder pela distinção entre compostos e expressões idiomáticas, ela ainda pode nos dizer algo sobre a diferença entre compostos e expressões idiomáticas: em geral compostos nomeiam objetos, uma propriedade que a tradição gramatical atribui aos nomes, mas o fato é que também podem nomear qualidades, eventos ou mesmo lugares, como mostra (2) abaixo:

- (2) guarda-chuva, puxa-saco, arranca-rabo, porta-jóias, ...

Por seu turno, as expressões idiomáticas, exemplificadas em (3) a seguir, descrevem situações e eventos (complexos), com diferentes aspectos – uma propriedade atribuída a verbos pela tradição gramatical:

- (3) estar de cara, procurar pelo em casca de ovo, bater as botas, ...

Essa diferença semântica corresponde a uma diferença gramatical, em termos de classe de palavras: compostos são fundamentalmente nomes, não verbos – para que venham a ser verbos, devem passar por um processo de derivação (cf. Figueiredo Silva & Miotto, 2009, discutindo exemplos como [*zigue-zague*]_N-ar).

É fato que a diferença parece residir mesmo na gramática dessas construções. Na verdade, há um conjunto de manipulações morfológicas e sintáticas que parecem traçar uma linha divisória entre compostos e expressões idiomáticas:

(a) Morfológica: compostos do tipo V+N não aceitam flexão interna (cf. Lee 1997), como mostra (4a), mas as expressões idiomáticas aceitam, o que se vê em (4b):

(4)

- a. *guardas-roupa, *guardavam-roupa, *guardarei-roupa
- b. engolimos sapo, engoliam sapo, engolirei sapo

(b) Sintática I: compostos nunca aceitam a presença de determinante interno, enquanto as expressões idiomáticas podem aceitar:

(5)

- a. *Ela comprou um porta-o(s)-retrato(s)
- b. Ela engoliu sapo/um sapo/este sapo

(c) Sintática II: compostos V+N nunca aceitam qualquer tipo de modificação interna, mas expressões idiomáticas podem aceitar:

(6)

- a. Ela comprou aquele guarda-(*nova)-roupa(-*pequena)
- b. Ela engoliu um baita sapo!

(d) Sintática III: compostos não aceitam fracionamento de qualquer de seus elementos, como mostram os exemplos em (7), mas as expressões idiomáticas podem aceitar, como se pode ver nas sentenças em (8):

(7)

- a. Ela não comprou aquele guarda-roupa
- b. *Roupa, ela não comprou aquele guarda(-)

(8)

- a. Ela não engoliu sapo (nessa situação)
- b. Sapo, ela não engoliu (nessa situação)

Portanto, a título de conclusões parciais, podemos dizer que: (a) os compostos V+N e expressões idiomáticas (de um certo tipo) exibem alguma similaridade de construção: ambos aparentam ter sido construídas com um verbo e seu objeto; (b) no entanto, a composição exibe opacidade, uma propriedade a que expressões idiomáticas não parecem sensíveis: aceitam flexão interna, aceitam determinantes e modificação do suposto objeto, além de aceitar fronteamto desse constituinte.

Como dar conta dessas formações e de suas propriedades, captando o que elas têm de semelhante, mas também suas diferenças? As próximas seções abordam essa questão dentro do quadro da Morfologia Distribuída, que atribui a geração de todas as construções gramaticais (incluindo as que estão dentro de palavras) ao mesmo mecanismo computacional.

2. Uma análise para a composição em Morfologia Distribuída

Bisetto (1995) já notou que é muito produtivo nas línguas românicas o tipo de composto que tem a forma aparente V+N. Segundo essa autora, são três seus tipos básicos:

(9)

- a. agentivo (como *puxa-saco*) ou instrumental (como *abre-lata*)
- b. locativo (como *porta-treco* ou *lava-rápido*)
- c. eventivo (como *arranca-rabo*)

A razão pela qual ela agrupa os compostos agentivos e instrumentais é que, além da sua produtividade notável (frente aos locativos e sobretudo aos eventivos), eles aceitam em geral uma paráfrase com sintagmas do tipo *N-dor+de+N* como *abridor de lata*.

Efetivamente, a semelhança é surpreendente: Bisetto (1995) nota que as mesmas restrições semânticas que operam sobre os compostos operam sobre os sintagmas *N-(d)or+de+N* – por exemplo, nenhuma das duas construções opera com verbos psicológicos, como mostra (10):

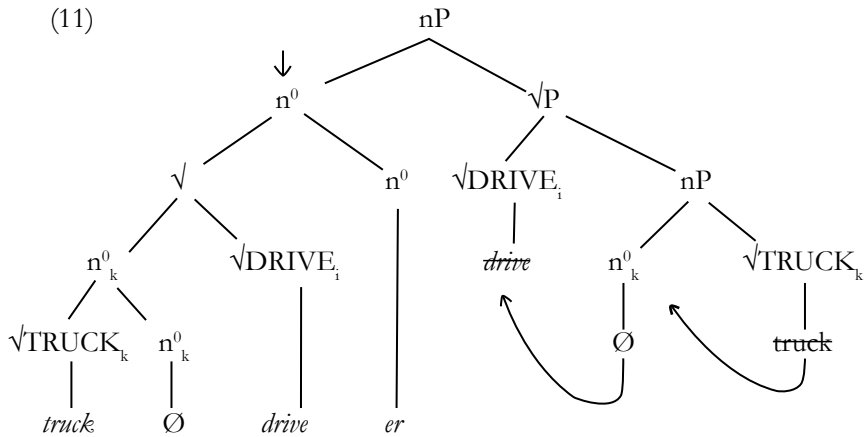
(10) *preocupa-mãe, *preocupador de mãe

Também sob o ponto de vista sintático há semelhança entre eles: em compostos *V+N* agentivos ou instrumentais, como nas formações *N-dor+de+N*, o *N* é sempre o objeto direto do verbo, nunca o objeto indireto ou o sujeito, por exemplo. Exceções como *passatempo* ou *corrimão* são raras e talvez não sejam contra-exemplos reais, visto que provavelmente não estamos frente a uma interpretação instrumental (ou agentiva).

Para Bisetto (1995), essas semelhanças são suficientes para que a autora proponha que compostos do tipo *V+N* agentivos e instrumentais seriam mais bem descritos como compostos $N_{\text{deverbal}}+N$, ou seja, para ela o verbo é na verdade uma forma truncada do nominal agentivo ou instrumental em *-(d)or*. Bisetto (1995) hipotetiza que o sufixo nulo que nominaliza o verbo nesses compostos desencadeia incorporação seja do próprio verbo seja do seu objeto, o que explica por que o nome que segue o deverbal nunca possui determinante, já que ele impediria o

movimento de núcleo a núcleo necessário para a incorporação.

Já dentro do quadro da Morfologia Distribuída, Harley (2008) apresenta uma proposta que também assume incorporação para tratamento de compostos ditos sintéticos do inglês, isto é, compostos que exibem um nome (ou um adjetivo) deverbal e seu argumento interno, como *truck-driver*. Sua proposta de representação arbórea para o processo pode ser vista em (11) abaixo – sua representação 7, pág. 11



Para Harley (2008), um certo número de aspectos são essenciais nessa proposta:

- o argumento interno da raiz é concatenado com a raiz antes de o categorizador ser adicionado à estrutura;
- o composto todo é categorizado pelo “agent-flavored” n^0 ;
- a incorporação é motivada pelas exigências de Caso do objeto.
- apenas nPs podem ser incorporados, não DPs (e, portanto, não é possível termos nem **the truck driver* nem **trucks-driver*)

No entanto, várias dessas afirmações têm sido questionadas na literatura. Por exemplo, Padrosa-Trias (2009) observa que, para que a raiz possa concatenar seu argumento interno antes de ser categorizada, ela deve ter acesso às informações enciclopédicas; no entanto, segundo Marantz (2007), apenas material já categorizado pode integrar uma fase que é enviada para PF e LF, o que gera uma contradição no sistema. Por outro lado, observa-se também que o n^0 “agent-flavored” pode ser exclusivamente um afixo de verbos – este é o caso de *-ing*. Harley (2008) chega a cogitar a possibilidade de um v^0 acima da raiz, mas recusa essa hipótese por conta da predição que ela faz de que um verbo como **to quick-act* deveria ser gramatical. A própria Harley afinal ela admite a presença de um v^0 na derivação desde que ele se mova para um outro núcleo (n^0 ou a^0). Há que se notar, contudo, que isso enfraquece a hipótese inicial de que o argumento interno é concatenado diretamente à raiz...

Um outro problema evidente na abordagem de Harley (2008) é que em compostos do tipo locativo, como *lava-rápido*, a incorporação não pode ser explicada como uma necessidade de Caso do nominal objeto. A saída de Harley é propor a presença de um traço [+/- afixo] nesses adjuntos, que se responsabilizaria pela opção da incorporação. No entanto, essa não é uma explicação, apenas um modo de descrever o que se observa.

Finalmente, observa-se no PB uma variação na forma do objeto do verbo dentro do composto, que pode aparecer tanto no singular quanto no plural – e por isso a notação utilizada tem sido *saca-rollha(s)*, por exemplo. Assim, temos razões para crer que a interdição à presença de determinantes dentro do composto é independente da interdição à presença de marcas de plural, uma questão à qual retornaremos mais a frente, também porque no espanhol rioplatense, por exemplo, a marca de plural, quando possível, é na verdade obrigatória: apenas *sacacorchos* é gramatical, não **sacacorchos*.

É preciso salientar que Harley (2008) não cogita uma explicação para a diferença de ordem nos compostos das línguas românicas e germânicas – se a incorporação é sempre à esquerda, só existe a ordem germânica, na qual o objeto é definitivamente interno. Para Bisetto (1994), por outro lado, como *accendi* em *accendigas* é um nominal encoberto e, portanto, a formação é de fato N+N, parece claro que devemos encontrar aí a ordem que vemos as línguas escolherem para colocar seus nomes e os modificadores: a ordem é modificador-modificado em inglês (como em (a) *black bird*), mas é modificado-modificador nas línguas românicas (como em (um) *pássaro preto* no português).

Podemos agora perguntar o que reter da proposta de Harley (2008). É verdade que é bem interessante a ideia de que o argumento interno da raiz é concatenado antes de o categorizador verbal ser adicionado à estrutura – seja por conta do argumento apresentado pela autora a propósito da substituição por *one* no inglês, seja pelo apelo intuitivo dessa ideia, já que as nominalizações mantêm sistematicamente o argumento interno dos verbos correspondentes; contudo, essa ideia não parece compatível com desdobramentos ulteriores da teoria, como notado por Padrosa-Trias (2009). Além disso, ela não é necessária para os nossos propósitos, e assim é melhor ficar com a hipótese mais conservadora de que a concatenação do argumento interno se faz depois de categorizada a raiz.

Por outro lado, vamos assumir com Harley que o composto todo é categorizado por um n^0 que responde por um papel temático “alto” da hierarquia temática – o agente ou o instrumento; no PB e no ERP, a sua realização é zero, mas no inglês ele aparece realizado por *-er*. Assumiremos igualmente que a motivação para a incorporação são as exigências de Caso do objeto nominal; essa opção deixa sem explicação os compostos que têm um adjetivo ou um advérbio na segunda posição, como *lava-rápido* e *bota-fora*. No entanto, observe-se que tampouco esses compostos podem ter interpretação agentiva ou instrumental e, portanto, tampouco são categorizados por um n^0 que responde por um

papel temático “alto” da hierarquia temática. Optamos então por deixar de lado esse tipo de composto da presente análise, reservando para esses casos um trabalho futuro.

Finalmente, seguimos Harley (2008) afirmando que apenas nPs podem ser incorporados, não DPs, razão pela qual não é possível nem **the truck driver*, nem **tira-a(s)-mancha(s)*, nem qualquer outra construção que envolva modificação interna do objeto. O problema da marca de plural sobre o N_{obj} se resolve no componente morfológico e possivelmente depende de outras propriedades da língua. O PB, por exemplo, tem larga preferência por construções genéricas com nominais nus no singular – o plural é possível mas não veicula exatamente a mesma interpretação nem é do mesmo registro de língua (cf. Dobrovie-Sorin & Pires de Oliveira 2010). A mesma alternância entre singular e plural nu é possível também dentro dos compostos, com larga preferência pelo singular, como no caso dos nominais não-referenciais. Já o espanhol rioplatense, por exemplo, não admite essa alternância em seus sintagmas nominais, nem em seus compostos – certos compostos exigem plural, como *sacacorchos*, mas outros exigem singular, como *guardarropa*. Portanto, o fato de o inglês não admitir jamais a presença do plural não deve ser tomado como um universal, mas como uma propriedade específica dessa língua. Um estudo mais aprofundado das relações entre pluralidade nos compostos e na expressão de nomes não-referenciais nas línguas humanas pode ser elucidativo e ainda deve ser empreendido.

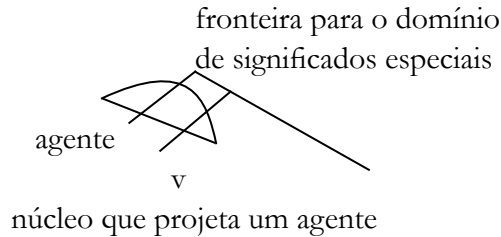
Também o problema da ordem é resolvido no componente morfológico, por meio de operações como *local merge*, que podem afetar a ordem linear dos compostos para lhes atribuir a mesma ordem que os sintagmas na língua exibem com respeito à estrutura de modificação. Deste modo, é possível afirmar que a incorporação é uma operação que coloca o elemento incorporado sempre à esquerda, via adjunção de um núcleo ao próximo núcleo.

Portanto, a análise que adotamos para a composição supõe que os compostos V+N são, no componente morfológico, compostos de tipo N+N, categorizados como n^0 ou a^0 , frutos de uma estrutura de incorporação, o que explica por que compostos não admitem determinantes, nem podem sofrer qualquer tipo de manipulação sintática.

3. Notas para uma análise para as expressões idiomáticas em DM

Marantz (1997), numa belíssima discussão sobre o que pode ser domínio de significação especial, isola o vP como a estrutura gramatical pertinente, porque este é o núcleo sintático que projeta agentes e assim define um domínio de localidade para significados especiais:

(12)



Suas predições são muito precisas: por exemplo, segundo essa hipótese, não existem expressões idiomáticas com agentes fixos, nem existem expressões idiomáticas passivas eventivas, o que a interpretação de sentenças do PB como em (13) confirma:

(13)

- a. Fulano/Sicrano/Beltrano bateu as botas
- b. *Fulano bateu as sandálias/os chinelos/os sapatos
- c. A cobra vai fumar
- d. O João está montado na grana
- e. A biblioteca está entregue às moscas

(13a,b) mostram que não é possível uma expressão idiomática que mantenha o agente fixo e alterne os objetos (a única interpretação nesse caso é a interpretação literal). Na verdade, quando o sujeito está implicado no sentido idiomático, o que temos é uma frase feita, como (13c), que não tem interpretação agentiva de qualquer modo. Por outro lado, (13d,e) mostram que construções idiomáticas passivas não podem ter interpretação eventiva – uma leitura claramente disponível na interpretação literal das expressões.

O fato de as expressões idiomáticas serem vPs, isto é, estruturas verbais, explica imediatamente por que aceitam flexão verbal e podem exibir propriedades de estruturas sintaticamente livres, permitindo diferentes tipos de manipulação sintática – em particular, de tipo A-barra, como mostram os exemplos do PB em (14):

(14)

- a. Que sapo que ele engoliu?
Interrogativa WH
- b. Esse sapo eu não engolia!
Focalização
- c. É esse sapo que a Maria vai engolir.
Clivagem
- d. O sapo que a Maria engoliu...
Relativização

Curiosamente, o movimento A é menos aceitável, talvez porque a construção passiva seja já um tanto degradada nessa variedade, mas o fato é que mesmo as construções com verbos de alçamento estão longe de serem perfeitas na leitura idiomática:

(15)

- a. ?? O sapo foi engolido (pela Maria)
- b. ?? Foi engolido um sapo (*pela Maria)

- c. ? A Maria parece engolir sapo (com frequência nesse novo trabalho dela)
- d. ?(?) A Maria parece ter engolido sapo

Evidentemente, as sentenças em (14) mostram o comportamento de uma expressão idiomática que é das mais liberais em termos de manipulações – outras expressões idiomáticas, como *bater as botas*, não aceitam qualquer tipo de manipulação sintática. O que explicaria essa diferença?

Poucos estudos na literatura discutem esse problema na perspectiva morfológica ou sintática. Alguns trabalhos tecem considerações sobre a relação entre as possibilidades de manipulação sintática e a semântica das expressões idiomáticas. Para Bianchi (1993:13), por exemplo, o correlato sintático da não-composicionalidade das expressões idiomáticas é a falta de atribuição de papel temático. Assim, se o NP idiomático não recebe papel temático do verbo, para ser interpretado ele deve sofrer reanálise, o que “torna o complexo V+NP um predicado verbal único” – e por isso é possível manipular *engolir sapo* (caso em que supostamente o verbo atribui papel temático a seu objeto) mas não *bater as botas* (caso em que apenas a reanálise é possível).

Não é muito claro onde está o divisor de águas, isto é, qual é o ponto em que o verbo deixa de atribuir papel temático para seu objeto e apenas a reanálise passa a ser possível. No entanto, é possível atrelar uma outra propriedade a esta primeira: Bianchi (1993:24) observa que o “grau de congelamento” da expressão idiomática se correlaciona diretamente com a fixidez do determinante, já que o movimento quantificacional pode ocorrer somente com NPs idiomáticos cujo determinante não é fixo – o que novamente nos diz que é possível manipular *engolir sapo* (dada a possibilidade de *engolir um sapo/engolir esse sapo/...*) mas não *bater as botas* (porque não é possível **bater umas botas/bater essas botas/...*).

Essas observações sobre as expressões idiomáticas são ainda um tanto incipientes e merecem estudo aprofundado, mas já são suficientes

para o ponto que queremos mostrar neste trabalho: mesmo no caso em que a expressão idiomática é “congelada”, o que está em jogo é um processo sintático de reanálise, que entende V+NP como um verbo único; não se trata, deve-se frisar, de incorporação do objeto no verbo (ou em um nome deverbal), como foi proposto para o caso da composição. Dito de outro modo, a composição apresenta um passo sintático a mais que as expressões idiomáticas, porque fecha numa única unidade morfológica aquilo que se mantém ainda como duas ou mais unidades morfológicas nas expressões idiomáticas (ainda que possam compor apenas uma unidade sintática).

Observe-se finalmente que não há diferença entre essas duas formações na negociação de significado na Enciclopédia, razão pela qual é inútil procurar por diferenças semânticas entre compostos e expressões idiomáticas. O que as diferencia é o tipo de operação sintática e morfológica que devem sofrer: a composição coloca em jogo um processo de incorporação sintática e ordenação morfológica; as expressões idiomáticas lançam mão de processos de reanálise, que não alteram a ordem dos elementos na sentença, mas determinam algum “grau de congelamento” dos elementos reanalisados.

Conclusões desta etapa da pesquisa

Da discussão apresentada nas seções anteriores, emergem certas conclusões, que podem ser resumidas como segue:

1. Os compostos, a não ser que passem por um processo derivacional, nunca terminam sendo a categoria *v*; só as expressões idiomáticas podem ter essa categorização – uma espécie de divisão de trabalho dentro da morfologia;

2. Os compostos são estruturas que exibem incorporação interna, mas as expressões idiomáticas não; assim, ainda que partindo exatamente da mesma estrutura gramatical – o verbo e seu objeto – essas construções terminam sendo estruturas linguísticas com propriedades bastante distintas. O que elas partilham semanticamente é o fato de terem que negociar sentidos especiais na Enciclopédia.
3. Os compostos estão sujeitos a operações morfológicas que garantam a ordem correta dos seus constituintes – que afinal deve espelhar a ordem que a língua escolhe para exprimir a relação entre o que é o termo modificador e o que é o termo modificado. Possivelmente os compostos também devem revelar certas propriedades das línguas como a que rege a distribuição da marca de plural nominal. As expressões idiomáticas não parecem afetadas por esses princípios.
4. As expressões idiomáticas são em princípio estruturas sintáticas mais livres, mas a própria negociação de significado na Enciclopédia determina certas limitações – em particular, se a expressão idiomática ainda tiver preservadas suas propriedades temáticas, ela pode ser manipulada sintaticamente; caso contrário, a estrutura só pode ser interpretada via reanálise.
5. Ainda assim, o processo sintático de reanálise, que trata V+NP como um predicado único, não é um processo de incorporação do objeto no verbo (ou em um nome deverbal), como na composição. A reanálise é um passo anterior ao passo da incorporação, porque ainda mantém intactas as unidades morfológicas – permitindo, por exemplo, a presença das diversas desinências verbais internas ao complexo V+NP.

A composição, nesta visão, representa um passo ulterior na derivação da estrutura, porque fecha numa única unidade morfológica aquilo que se mantém ainda como duas ou mais unidades morfológicas nas expressões idiomáticas.

Referências

BISETTO, A. **Tra Derivazione e Composizione**: su alcune formazioni complesse in italiano. Tese (Doutorado), Universidade de Pádua, Itália. 1995.

_____. **“Italian Compounds of the Accendigas Type: a Case of Endocentric Formation?”**. Venice Working Papers, v. 4, n. 2, 1994.

BIANCHI, V. **“An empirical contribution to the study of idiomatic expressions”**. Ms., Scuola Normale Superiore di Pisa, Itália. 1993.

CAMARA Jr., J.M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 8ª ed. 1978.

CUNHA, C. & F.L. CINTRA. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

DOBROVIE-SORIN, C. & R. PIRES DE OLIVEIRA. **Generic bare singulars in Brazilian Portuguese**. In: Karlos ARREGI; Zsuzsanna FAGYAL; Silvina MONTRUL; Annie TREMBLAY. (Org.). **Romance Linguistics 2008. Interactions in Romance**. Amsterdam: John Benjamins B.V., v. 313, p. 203-216, 2010.

FIGUEIREDO SILVA; M.C. & C. Mito. **“Considerações sobre a prefixação”**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL), v. 7, n. 12, 2009.

HARLEY, H. **“Compounding in Distributed Morphology”**. Ms., Universidade do Arizona. 2008.

LEE, S.H. **“Sobre os compostos do PB”**. D.E.L.T.A., v. 13, n.1, p. 17-33. 1997.

MARANTZ, A. **“No Escape from Syntax: Don’t try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon”**. In: DIMITRIADIS, A. et all (org.) University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, v. 4. 2: p. 201-225, 1997.

_____. **Phases and Words**. Ms. New York University. 2007.

PADROSA-TRIAS. **“Compounds in Distributed Morphology: pros and cons”**. Hand-out LyCC Colloquium Series, CCHS-CSIC, Madrid. 2009.

SANDMANN, A. **“O que é um composto?”**. D.E.L.T.A., v. 6, n.1, p. 1-18. 1990.